

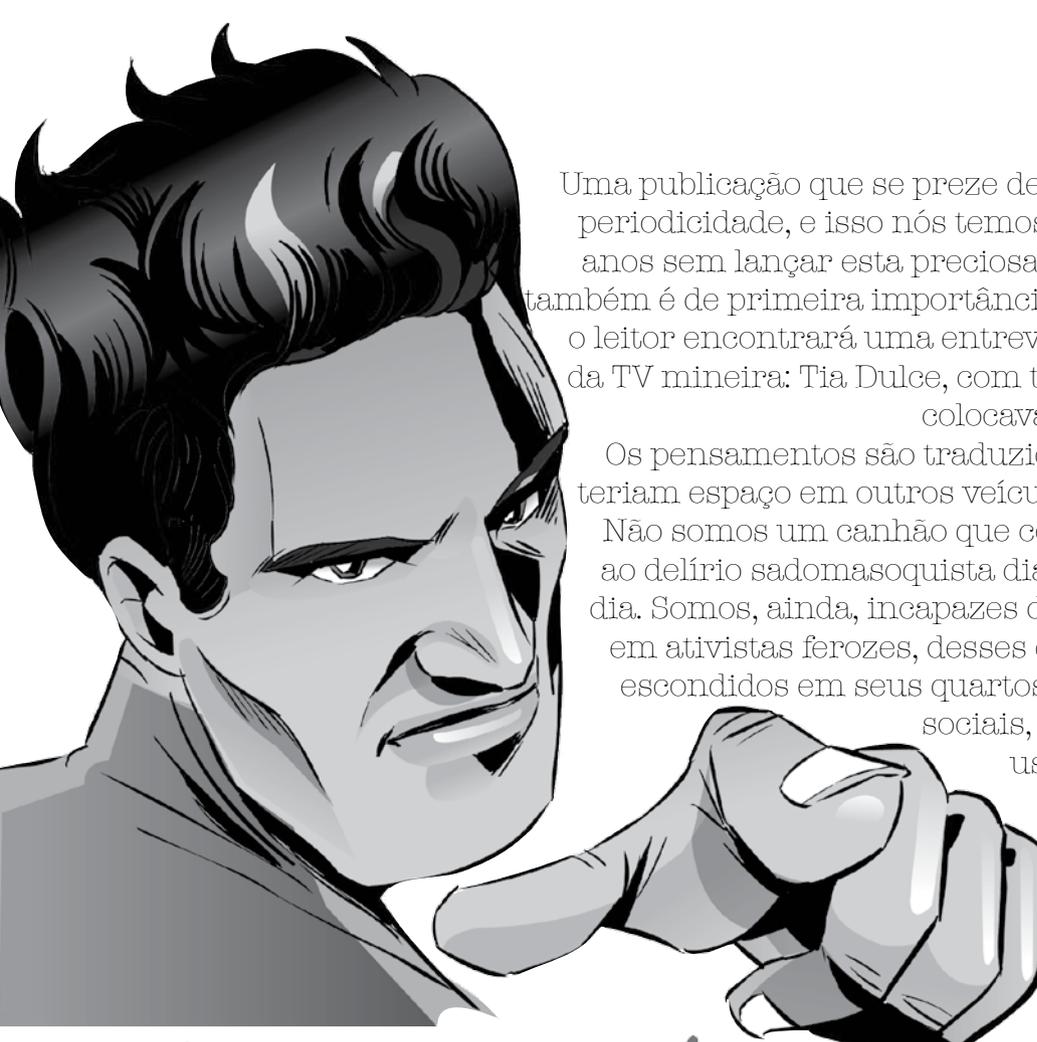
© impúblic@s



precisa
gritar?

O QUE FAZ O TEXTO É O SEU MOVIMENTO





A VIDA ALÉM DA TELA

Uma publicação que se preze deve ter no mínimo definida sua periodicidade, e isso nós temos. Não passamos mais de cinco anos sem lançar esta preciosa revista. Abordar temas atuais também é de primeira importância. Logo nas primeiras páginas o leitor encontrará uma entrevista com a moderníssima diva da TV mineira: Tia Dulce, com tiradas lúdicas e modelitos que colocavam Xuxa e Angélica no sapato.

Os pensamentos são traduzidos em textos que dificilmente teriam espaço em outros veículos de comunicação de massa. Não somos um canhão que consegue levar grandes grupos ao delírio sadomasoquista diante da tragédia nossa de cada dia. Somos, ainda, incapazes de transformar sujeitos inanes em ativistas ferozes, desses que encontramos diariamente escondidos em seus quartos enquanto berram nas mídias sociais, apoiando campanhas contra o uso indiscriminado de gentiliza.

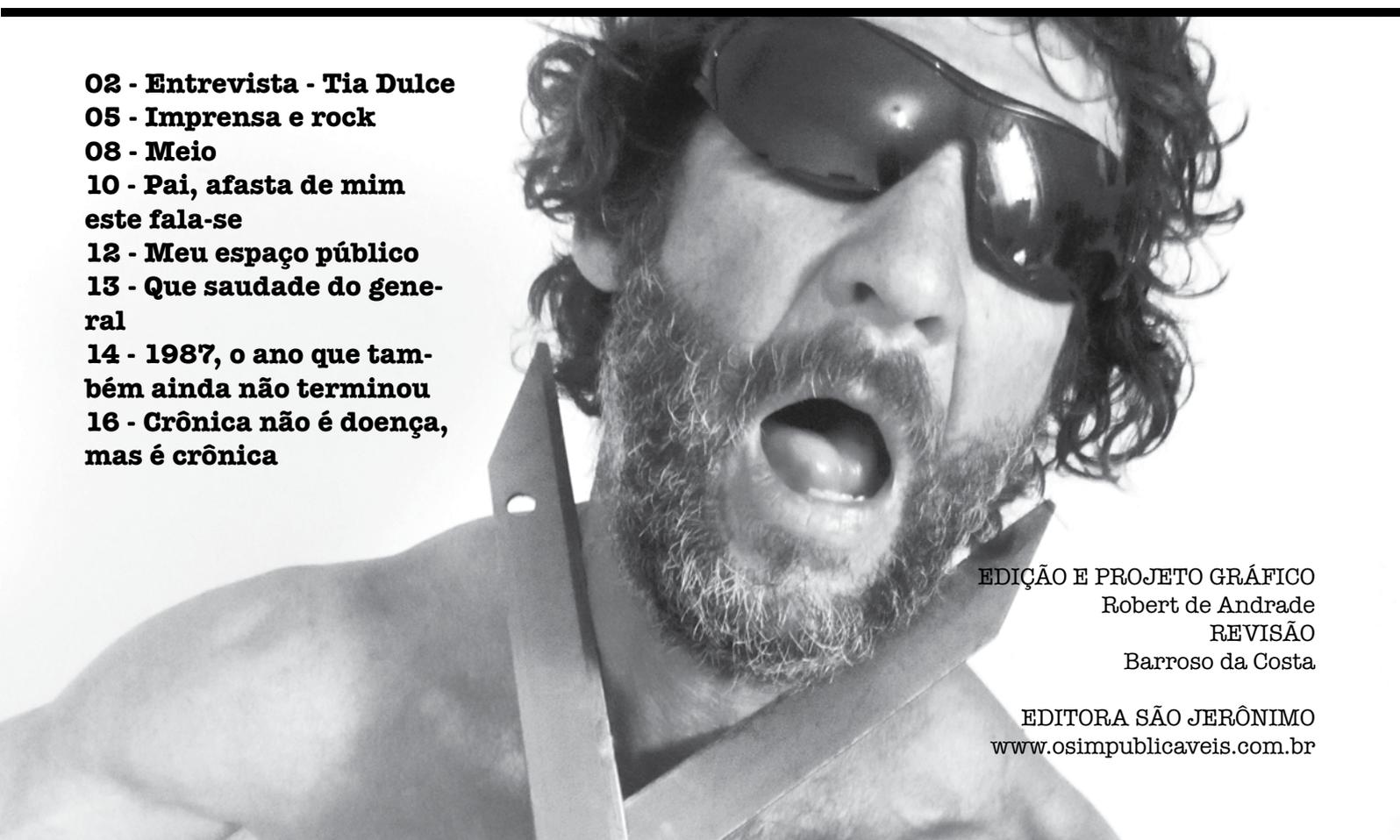
Tagarelice onanista...

Contentamo-nos em ser mais um clichê ou adágio popular do tipo “pedra no sapato”, “pulga atrás da orelha” ou “ovo, jura e jejum nasceram para se quebrar.”

No mais, é bom estar de volta, com o velho idealismo juvenil e a tenacidade de um Silvio Santos.

© impubliq̃vês

- 02 - Entrevista - Tia Dulce**
- 05 - Imprensa e rock**
- 08 - Meio**
- 10 - Pai, afasta de mim este fala-se**
- 12 - Meu espaço público**
- 13 - Que saudade do general**
- 14 - 1987, o ano que também ainda não terminou**
- 16 - Crônica não é doença, mas é crônica**



EDIÇÃO E PROJETO GRÁFICO
Robert de Andrade
REVISÃO
Barroso da Costa

EDITORA SÃO JERÔNIMO
www.osimplicaveis.com.br



ENTREVISTA COM TIA DULCE

Ah, Tia Dulce... Certamente, uma personagem de nossas fantasias. Algo que vem da infância e é tão forte que foge ao controle. Ela tinha que passar por aqui, tinha que nos ceder um pouco de sua deliciosa eloquência. Fomos atrás e ficamos ainda mais admirados. Conhecemos uma mulher de garra, sempre à frente do seu tempo, seja na TV mineira, seja enquanto primeira gerente de um banco privado no Brasil, com direito a matéria na *Times*. Fique agora com ela, a diva da garotada mineira dos anos 1980, Tia Dulce.

Os Impublicáveis - Fazer um programa infantil, ao vivo, na televisão, no início da década de 80, fora do eixo Rio/São Paulo, foi um desafio?

Tia Dulce - Quando eu fui fazer o Clubinho, já havia me aposentado da televisão. Fazia rádio, no Palácio do Rádio, andava pelo corredor e encontrei o meu amigo Fernando Sasso. E ele me disse: “Estou precisando botar uma imagem ao vivo na TV Alterosa, para humanizar a imagem e tal...” Perguntei: “O que eu tenho que fazer?”, “Faz um programa infantil para mim”. Aí fomos lá fazer o programa e voltei para a televisão com o Clubinho. Era muito gratificante fazer o programa com aquela garotada. Eu recebia centenas de cartinhas... e até hoje as pessoas têm muito carinho por mim.

Os Impublicáveis - Sua história na televisão começou em 1956...

Tia Dulce - Eu comecei na Itacolomi em 1956, antes disso eu trabalhei no Banco Lavoura.

Eu ajudei a criar o Lavourinha, que foi um banco voltado para crianças. Então eu fui nomeada gerente, sendo a primeira mulher a ser gerente de um banco privado do Brasil, saiu até uma matéria na *Times*.

Mas sempre gostei de me dedicar ao trabalho, independente do que fosse fazer eu fazia pelo trabalho e não pelo dinheiro. É lógico que o dinheiro é importante, mas é só um resultado daquilo que você faz. Quando eu comecei no Clubinho, Sasso me disse que não teria cachê, eu fui porque gostava do que fazia, mas depois de três meses já passei a receber. Está vendo? Vem naturalmente.

Os Impublicáveis - Você apresentou um programa na TV Globo de 68 a 72, Uni Duni Tê, como foi essa experiência?

Tia Dulce - Eu trabalhei na Globo, o nome do Programa era Uni Duni Tê, Salamê, Minguê. Foi um programa muito gostoso de fazer. Era um formato trazido de fora, de um programa

norte-americano. Porque você sabe que televisão é tudo cópia. O programa do Jô Soares é uma cópia exata daquele programa americano (Tonight Show). E a gente cantava, o mascote era uma abelhinha linda. *Zizi Pinhá, a abelhinha do Salamê Minguê, é bem com- portadinha, assim como você...* (canta), era um programa musical muito lindo.

Lá sim, tinha uma agência, um estúdio. Tinham várias carteiras de escola, como uma escola americana. A gente cantava muito. Era muito gostoso. Nessa época a Globo era como o SBT, porque o Silvio Santos é muito esperto. Você sabe que ele ficou dez anos na Globo, depois ele saiu e montou o Sistema Brasileiro de Televisão? Ele passou a produzir vários programas e vender ou até entregar de mãos beijadas para essas emissoras. Mas a Globo tinha várias filiais e em cada uma o programa regional era produzido. Quando ela passou a ser rede, foi criada a Central Globo de Produções, então o Borjalo, o Walter Clark e o Boni vieram aqui em Belo Horizonte e me convidaram para trabalhar no Rio. Sabe porque? Porque o meu programa era o que tinha a maior audiência do Brasil. Mas eu não fui, não queria sair daqui, aqui está a minha família.

Os Impublicáveis - É comum na televisão brasileira a “fabricação” de artistas, que acabam sendo moldados ao formato do programa. No seu caso, isso foi bem diferente, você foi quem moldou o programa, chegando a atuar como produtora e conduzindo suas apresentações com muita espontaneidade.

Tia Dulce - Quando eu fui fazer o Clubinho, na hora em que cheguei lá, não tinha estúdio, tinha só uma cortina grande, na sala do caminho. Aí falei para o Sasso que daquele jeito não dava. Fui para casa e juntei aqueles desenhos que as crianças fazem na escola, uns bichos de pelúcia de uma loja que tive, de produtos importados, na Av. Afonso Pena e peguei umas plantas, umas samambaias. Eles me arrumaram uma Kombi, levei tudo para a Alterosa. O lugar era improvisado, um fundo de corredor, eu coleí os papéis na parede, coloquei umas almofadas no chão onde eu sentava para brincar com as crianças, cantar... Mas deu tudo certo.

Aí, como não tinha cachê, levei um macacão para lá, porque eu usava muito macacão. Aqui

não tinha e como eu viajava muito, trazia. Na época usava macacão jeans demais. Então eu só trocava a camisa de baixo, ia trocando, e o macacão acabou virando uma marca.

Os Impublicáveis - Nove anos no ar, atingindo picos de 27 pontos de audiência. Você imaginava tanto sucesso quando se dispôs a fazer o Clubinho?

Tia Dulce - Não, fui fazer para ver o que ia dar. Mas foi muito gratificante. Uma vez eu cheguei para fazer o programa e comecei a perceber um grupo de pessoas que ficava por lá olhando tudo. Ninguém me falava nada, não perguntava nada. Até que um dia depois do programa me chamaram pelo alto-falante, me mandando comparecer na sala do diretor. Pensei: “o que será que está acontecendo?” Quando cheguei a sala estava cheia, estavam lá todas aquelas pessoas que vinham acompanhando o programa. O diretor disse que eles queriam me fazer umas perguntas e saiu da sala. Eu falei que eles podiam fazer todas as perguntas que depois eu responderia. Fizeram um monte de perguntas e eu disse: primeira coisa, sou preguiçosa para ler, leio muito pouco; segundo, não sou formada em nenhum curso superior, só tenho o quarto ano primário; terceiro, nunca li um livro de psicologia, ninguém nunca me indicou.

Eles ficaram, assim, i-m-p-r-e-s-s-i-o-n-a-d-o-s. Fizeram um relatório, porque estavam filmando o programa para um trabalho, esse trabalho existe até hoje lá na faculdade. Eles chamaram o diretor e falaram: “tudo o que a Dulce Maria faz, o jeito dela olhar para a câmera, de conduzir, de lidar com as crianças. Tudo que o ela faz está dentro das últimas técnicas de psicologia e pedagogia, não sai uma vírgula. Ela não tem um comportamento de protecionismo, de irritabilidade, ela está de parabéns. É para ficar na história. Sua psicologia é inata”.

Os Impublicáveis - Mais de 30 anos na televisão, atuando também no rádio e no teleteatro. Como você vê a TV de antes e a de hoje?

Tia Dulce - Antigamente era uma televisão de coragem, garra, muita criatividade, onde as pessoas se destacavam por seus talentos pessoais e juntando tudo isso se faziam programas de qualidade. Hoje o que vejo é o predomínio da tecnologia, muito mais que das

pessoas. Não que ela seja ruim, mas devem andar juntos. Vai chegar um momento que a tecnologia vai substituir totalmente o homem.

Antigamente se faziam coisas incríveis, o filme *E o vento levou* é de 1936 e é maravilhoso, *Ben-hur* é fantástico, aquelas cenas... Mas as coisas mudaram. Nos anos 80 me perguntavam se eu achava que a violência dos desenhos era uma má influência para as crianças... estavam na moda desenhos japoneses de luta, guerra, essas coisas. Eu dizia que não. Eu fui bilheteira no Cine Tupi, que ficava ali onde hoje é o *Shopping Cidade*, e aos domingos, durante toda a manhã, havia sessões do *Tom e Jerry*. O cinema ficava lotado, você tinha que ver a quantidade de gente que ia assistir aqueles dois sacanas, mas é uma sacanagem gostosa, eles se completam. As crianças de hoje têm muito acesso a informação pela internet, informação sobre o que deve e o que não deve. Isso sim é perigoso. Está tudo muito solto. Você não está vendo o sucesso que estão fazendo o *Patati e Patatá*? Então para e analisa: o que tem aquilo? Nada, nada vezes nada, não tem conteúdo.



A doença em minha vida foi-se embora
não deixou rastros e bateu o portão
a febre que causava não me cabe mais.

Os meus olhos cessaram de lhe procurar em
todos os cantos do meu ir e vir.

Meu corpo se fechou.

A tatuagem do meu vício e seus códigos estúpidos
dissiparam-se.

O seu bom senso nunca me vestiu bem.
A razão não é mais prisioneira do sentir.

O corpo não dissimula e a falta não é cretina.

Renovo meu abrigo
e sigo com
um sorriso descompromissado
e o corpo fechado.

IMPRENSA E ROCK

por camilo lucas

O rock sempre teve uma relação simbiótica com a imprensa. O caso mais exemplar é o da campanha orquestrada pelo empresário Brian Epstein para lançar os Beatles na América. Jornais anunciando a Beatlemania, rádios dando as horas que faltavam para a chegada deles no aeroporto e, depois disso, toda vez que davam a hora (é, de tempos em tempos as rádios davam a hora, era praxe) anunciavam como “3:44pm, hora beatle”. A imprensa inteira publicou a entrevista coletiva onde os quatro debochavam das perguntas, como por exemplo:

Como vocês chegaram à América?

John: Chegamos na Groenlândia e dobramos à esquerda.

Como vocês explicam tanto sucesso?

George: Se soubéssemos, criaríamos nossa própria banda e viraríamos empresários.

Por que você usa tantos anéis nos dedos?

Ringo: Porque não posso usá-los no nariz.



Mersey Beat: Beatles com Pete Best e, depois, Ringo.

Mas os Beatles eram bem treinados nisso. Em Liverpool, o jornal Mersey Beat (em homenagem ao rio que corta a cidade ao meio) já tinha criado sua própria beatlemania local. O registro mais interessante deste jornal, além do acompanhamento passo a passo do caminho deles até o estrelato, foi a saída do baterista Pete Best.

Pete foi chutado da banda para que Ringo entrasse. Ringo era o melhor baterista de Liverpool; Pete, um cara metido a gostoso que só tocava com eles porque era difícil encontrar um baterista que topasse tocar por idealismo, já que a grana era mínima. Mas Pete não se enquadrava, não era “um dos nossos”: ele não fazia piadas, não endoidava, não topava cortar o cabelo no estilo “mop top” como os outros, permanecendo com seu topete de Elvis; ele era meio estranho no ninho. Quando os caras conseguiram seu primeiro contrato de gravação e viram que tinham algo a oferecer, tiraram Ringo do Rory Storm and the Hurricanes e mandaram Pete plantar batatas na maior... bem, na maior.

Só que Pete e seu topete era o galã da banda, o que tinha mais fãs no público feminino, e a revolta das fãs está toda registrada ali, no Mersey Beat de Liverpool naquele longínquo ano de 1962, ano que meu pai engravidou minha mãe e me fez nascer um dia antes de Julian, filho de John Lennon. Sim, apenas por um dia eu não nasci filho de John Lennon.

O Mersey e outros foram pioneiros – registrou aqui a “Revista do Rádio”, que registrou um improvável Cauby Peixoto lançando “No balanço das horas”, nada mais que uma versão de “Rock around the clock”, do Bill Halley, e o primeiro rock gravado no Brasil, e a “Revista do Rock”, que surgiu na esteira de Celly Campello e sua turma - mas nada comparado ao que a Rolling Stone representou, anos mais tarde, e aí vem também a simbiose com a carreira dos Beatles: a primeira capa foi John Lennon, e a relação de amizade desenvolvida entre ele e o editor Jann Werner foi o que fez a revista (que começou como jornal) ser a maior defensora do seu romance com Yoko, quando o mundo inteiro os massacrava.

A Rolling Stone se tornou a mais importante publicação voltada para a fusão música e comportamento do mundo. Ela lança tendências, seja na música, na moda, no esti-

lo de vida. Até hoje não foi desbancada. Fala uma linguagem que acompanha a juventude e não a deixa envelhecer. E por incrível que pareça, só estreou no mercado brasileiro em 2006. Antes disso, circulou por aqui, no início dos anos 70, um jornal Rolling Stone, com o mesmo logotipo e estilo, mas totalmente produzido em Ipanema, pelos frequentadores das “Dunas da Gal”, Luís Carlos Maciel, Ana Maria Bahiana e Ezequiel Neves à frente. E totalmente sem autorização da original americana. Este jornal durou algumas edições e, como deveria ser, foi tirado de circulação. Virou lenda.



A Rolling Stone brasileira pirata dos anos 70 e a atual, autorizada.

Ainda sobre a Rolling Stone, qual jornalista não quis ser um repórter de rock, ao assistir ao filme “Quase famosos”?

Na sequência, a editora Abril aproveitou a onda e lançou a revista Pop, que surfava na onda hippie (a moda era ser hippie) e divulgava a cena rock (a moda era ser roqueiro). Foi meu parâmetro durante minha adolescência, nas minhas descobertas do mundo do rock. Foi ali que acompanhei o surgimento de Alice Cooper e David Bowie, os eventos gigantescos do rock progressivo, a consagração da calça jeans (“Liberdade é uma calça velha, azul e desbotada... US Tooop...”) e também foi através dela que adquiri disquinhos compactos duplos com The Who, Rolling Stones, Led Zeppelin, Gilberto Gil, Raul Seixas e outros, que acompanhavam suas edições especiais.. inexplicavelmente inventaram de dividir a revista com a “Garota Pop”, colocando cada uma de um lado da revista, fazendo com que para mudar de revista você tivesse de virá-la

de cabeça pra baixo, sendo que a “Garota Pop” não passava de uma “Capricho” para adolescentes. Resultado: não agradou nem os roqueiros nem as patricinhas, e morreu a Pop. Deixando saudades.

Houve uma tentativa de sucessão com a Bizz, nos anos 80, num caso de morte e ressurreição que nunca se registrou na história da imprensa pop/rock: a revista foi cancelada e reativada pelo menos 5 vezes, incluindo uma mudança de nome (para “Showbizz”) e a volta ao nome original, além de mudanças de formato (circulou em edição gigante durante um tempo mas também não vingou). A última edição publicada, em 2007, trazia o Los Hermanos na capa e anunciava a aposentadoria da banda. Esqueceu de anunciar que a revista também estava se aposentando.

A Bizz pode ter falecido, entre outras coisas, pela sua mania de anunciar todas as novas bandas como A maior banda de todos os tempos da última semana. Ficava difícil atuar depois da terceira ou quarta. Isso sem esquecer a cobertura da turnê brasileira do The Cure em 1987, quando a banda estava no auge. O repórter se comportou como um tie-te chato e a matéria toda – que saiu à parte numa edição especial – não passava de uma viadagem danada de um fã que parecia estar o tempo todo querendo dar pro Robert Smith. Patético.

Em termos de credibilidade, no Brasil existia entre os anos 70 e 80 a Somtrês, da editora Três. Suas edições especiais eram verdadeiras aulas de história do rock e os posters gigantescos com a história da banda retratada eram o sonho de todo fã, sendo hoje itens de colecionador.

Uma coisa que alimentou a vida toda a imprensa em relação ao rock foram os escândalos por porte de drogas, com prisões, overdoses e mortes. Foi clássica a perseguição daquele inspetor inglês (o “Pilcher”) que toda semana dava uma batida na casa de gente como Keith Richards, George Harrison, Keith Moon e até avisava a imprensa para que ela estivesse a postos para fotografar tudo. O cara ficou desacreditado e perdeu seu emprego na polícia mas antes disso tornou a vida dos maiores roqueiros do mundo um inferno.

E o período de pouco mais de dois anos, no qual morreram Brian Jones (Rolling Stones), Janis Joplin, Jimi Hendrix e Jim Morrison (The Doors), todos com 27 anos e iniciais “J”, foi o mais intenso.

Uma história a parte deveria ser escrita sobre o fanzine “Punk”, que, no início dos anos 70, em Nova York, foi tão pouco importante que gerou o nome de todo um movimento, um dos mais importantes da história do rock. Lester Bangs e sua turma foram vetores para Richard Hell, Joey Ramone, Lou Reed, Debbie Harry, Patty Smith e Iggy Pop et all darem a maior sacudida da história num gênero que ameaçava se tornar tudo o que combateu a vida toda.

Billboard, Cash Box, Rock Brigade, Roadie Crew, Spider, Circus, 89 Revista Rock, Mojo, High Times... mais ou menos radicais, as publicações que ajudaram a divulgar o rock tem um papel primordial na história do gênero e são tão importantes quanto as capas dos discos, os cartazes das turnês e as groupies. Long Live Rock’n’roll Press!

A ALIANÇA

Seis longos anos e a aliança em meu dedo continuava a trazer-me um grande sofrimento.

Já não posso ficar ligada assim, de forma tão doentia, a quem se foi.

É difícil olhar em minha mão e não ver mais esse elo, símbolo de amor e fidelidade.

Mas tenho certeza, que o melhor lugar do meu coração será sempre de Celso. Continuarei a cultivar nossas lembranças, minha saudade e o meu amor.

“Ninguém morre enquanto estiver vivo para o outro”.

angelina maria

luiz correa

INOCENTES,

Dois ícones da cultura pop: o Seu Madruga e o Che Guevara. Os dois ocupam o mesmo espaço nas camisas despojadas usadas pelos mais moderninhos. Dois latino-americanos, sem dinheiro no banco ou amigos importantes, lembrando Belchior, ou não, como diria o tropicalista Caetano Veloso.

Esses dois jovens senhores, não o Caetano ou o Belchior, mas Seu Madruga e Che Guevara, estão nas estampas das camisas vendidas nas feiras hippies, seus rostos foram apropriados e apresentam chaves para compreensão do mundo em que vivemos, no qual as imagens manipuladas nos permitem ironizar as seriedades dos discursos, tornando-os frívolos e passageiros. Isso ocorre por que o último momento das vanguardas do século XX desembocou no Kitsch, que já estava imbuído na proposta tropicalista, por exemplo.

No entanto, o que se viu foi que por dentro não foi possível mudar. Forçar por fora se mostrou totalitário. O que fazer? Não há resposta não, qualquer uma seria uma espécie de direcionamento partidário. No final das contas, o mundo acabou, os Beatles cantam Baby, Baby, Baby e você já nem precisa saber da piscina, nem da margarina ou da Carolina.

Dessa maneira, o que alguns chamam de Hipermoderno e outros de moderni-

dade tardia reafirma o que a dialética do esclarecimento vinha tentando dizer e, talvez conscientemente, tenha sido mal interpretada por aqueles que viam em Adorno um nobre. A razão perdeu a batalha para a razão. E a liberdade para o instrumental.

Sim. As indústrias culturais, nas mais variadas formas, globalizaram-se e criaram mecanismos de controle cada vez mais perversos. Mas, ao contrário do que diziam os mais pessimistas, elas não acabaram com as culturas locais. Amalgamaram-se a elas e a represaram de tal maneira que as tornaram “modernísimas”, mas pálidas, inertes, imóveis.

Uma breve retomada histórica dos vários estilos que nasceram e morreram no universo da música pop no Brasil, nos últimos trinta anos, poderia ilustrar bem isso... Se partirmos do Brock até o sertanejo universitário, as Hibridações ocorridas demonstram que a negociação do que conhecíamos como MPB com a música romântica e pop internacional criaram estilos únicos, é verdade, mas que corroboraram, ao longo desses anos, a mesma lógica globalizada do consumo transnacional e domesticado, e não mais subversiva, apesar de moderna.

Isso por que esta modernidade não privilegia o tempo, apesar de acelerá-lo. O excesso



MAS NEM TANTO...

de informação o explodiu, da mesma maneira que fez com o espaço. Se não é o fim da História, tal como previa aquele “inocente” pensador nos anos 90, quer se fazer acreditar nisso. Tal como se queimaram livros no nazismo, essa nova cultura globalizada quer nos fazer crer que isto que está aí é o que devemos aceitar como um dado inexorável e resignado da nossa incapacidade de lidar com a mudança. É tão totalitário quanto o Fascismo.

A indústria de entretenimento quer nos convencer de que a racionalidade libertária não deve ser boa. Vivamos então como hedonistas, vamos acelerar o consumo e, quem sabe dessa maneira, poderíamos ser felizes. A grande contradição é que estamos vivendo em uma sociedade em que a informação é o próprio capital, mas para quem?

Daí é que Che Guevara e Seu Madruga são índices. A brincadeira é ótima.... Seu Madruga, o malandro latino-americano, na pele do romântico revolucionário que Andy Warhol fez penetrar na cultura pop norte americana, ao colocá-lo ao lado de Marilyn Monroe. Talvez o nosso tropicalista diga também que Seu Madruga é lindo, ao lado de Bin Laden. São tão loucos pela América, afinal de contas...

Mas misturar o Seu Madruga com Che Guevara não é um ato tão inocente assim. Sig-

nifica colocá-los na condição de significantes, tirando deles a sua condição histórica, o tempo. Da mesma forma que o jornal carioca perguntava em sua manchete, um dia depois da morte de (Hugo) Chaves: e o Kiko? O que era Kitsch virou a norma e Almodóvar já descobriu isto. O que era subversão, agora é o ordinário.

Ah, esse capitalismo... Apropriou-se das guitarras de Hendrix ou da força daquela bateria de Will Rock You e domesticou a revolução dos costumes. Agora o sexo instrumentalizado é parte da sociedade de consumo e os hedonistas são conclamados a vivê-la, de tal maneira que vender a virgindade em um documentário não é moralmente inaceitável. A burguesia não é a mesma da ética protestante, e um novo espírito capitalista pode ser observado. Marx mais uma vez estava certo, a burguesia continua revolucionando, transformando tudo em mercadoria, etapa por etapa...

Em pedacinhos, a cultura pode ser vista como um amontoado de signos, desconectados de seus contextos de produção. Conectados pelo oráculo, o Google. Uma espécie de alienação que poderia ser contada por Chaplin em um videoclipe. Mas agora os videoclipes estão fora de moda e a MTV é da Abril. VEJA bem...





barroso da costa



PAI, AFASTA DE MIM ESTE FALA-SE!

Historicamente falando, há não muitos anos, brilhante intelectual – e músico – cantava “Pai, afasta de mim este cálice”¹, insurgindo-se contra a censura, a favor da liberdade de expressão. Porém, se então de tão gorda a porca não andava, hoje, de tão magra, ela voa!

Se de nada se podia falar antes, hoje de tudo se fala, mesmo que não haja o que dizer. A tão reclamada liberdade de expressão perverte-se em libertinagem, pornografia tagarela. Todos se sentem autorizados a dizer de tudo publicamente, como se quaisquer opiniões a respeito de qualquer coisa fossem dignas de se transformar em discursos. Questões privadas convertem-se em assuntos públicos, representando desperdício da luz e da oportunidade de expressão outrora tão escassas, que, por isso mesmo, deveriam ser reservadas ao que de fato interessa, mas que, contudo, permanece dissimulado.

Ou será que, no Brasil, os piores cri-

mes são aqueles supostamente cometidos pelo casal Nardoni ou pelo goleiro Bruno? Seria o caso de uma reflexão geral sobre o que realmente importa: a Justiça ou a vingança invejosa, que se regozija na queda de alguém que tinha o que não merecia, enfim desmascarado, pego na onda de *denuncismo* que se presta a camuflar o que realmente importa. Caça às bruxas que se presta a manter tudo como sempre foi, ou será que a presença de sarneys, calheiros ou tiriricas não são assuntos muito mais preocupantes para o público brasileiro? Mas disso e deles ninguém quer dizer. Afinal, é assunto grave, que requer seriedade e aprofundamento de análise que remonta ao Brasil que foi – e permanece – colônia, antes de Portugal, hoje de outros...

Melhor ficar na superfície. Assim, respira-se melhor. Ao invés de fomentar o debate sobre a ausência de investimentos na educação básica e na saúde pública, melhor é instigar o clamor por vingança, o protesto popular e acrítico

1. Refere-se a Chico Buarque e à música Cálice, composta em parceria com Gilberto Gil.

pela redução da maioria penal, dentre outras medidas simplórias e cosméticas que são anunciadas e vendidas na mídia como eficazes para a solução de questões complexas como violência e criminalidade.

Em tempo de culto a uma transparência mentirosa, ao estilo *Big Brother*, melhor é espalhar câmeras que captam tudo, menos o essencial. *Imagem é tudo, sede não é nada*, já dizia a propaganda de refrigerante.

As palavras esvaziam-se diante da imagem, que, segundo entendimento corrente, dispensa reflexão

ao valer mais que mil daquelas (palavras).

Nesse cenário, os espaços que deveriam destinar-se preferencialmente aos debates de interesse público² são cada vez mais destinados a tagarelices, fofocas, cabendo questionar se a bebida amarga não terminou substituída por doce e entorpecente veneno derramado no mesmo cálice de outrora. No final das contas, se a tagarelice não é mais que silêncio loquaz, vê-se que ser filho da outra não é melhor que ser filho da santa.

2. Vide art. 221 da Constituição Federal.





cind canuto



MEU ESPAÇO PÚBLICO

Era uma vez ser como um bombeiro, pensando o espaço público como algo a preservar, mas quase sempre depois que o circo pegou fogo. Teria uma boa imagem e preservaria mais facilmente o bom caráter. Não, não, melhor seria ser um arquiteto. Inventivas linhas curvas embelezando nosso espaço, fazendo ele parecer melhor do que é. Claro que o arquiteto não planeja que esse espaço seja oligopolizado. Pensando bem, melhor ainda seria ser o porta-voz de uma escola de samba, inventar um espaço ideal, cheio de cores e pacífico ainda que rodeado de competição e violência.

Está certo, algumas profissões favorecem mais a integridade moral do que outras. As pessoas têm vocações; assim como o caráter, elas são formadas durante a infância. Conforme Weber, a vocação é para a política ou para a ciência. Não vejo muita diferença entre as duas e nem devo explicar muita teoria aqui, mas seria até bom que as pessoas tivessem somente essas duas vocações.

A política e a ciência tratam de fatos ocorridos na esfera pública. O público realmente não é mais amplo que o privado, público é o que não é privado. As notícias de modo geral são relativas ao que é público e a maioria das coisas são privadas. Há situações em que um limite aceitável é ultrapassado, então o acontecido sai do privado e pode vir a ser público. É o caso da violência doméstica contra a mulher, é o caso do crime hediondo, entre outros.

Já na ficção, não temos um “modo geral”. Publicações ficcionais ou não sobre o crime e seus desvendamentos sempre foram alvo de leitura ávida. Já há algum tempo, as publicações saíram dos livros e são vistas em

um suporte que não favorece muito a imaginação: a TV. Mesmo com fotografia, gravações, tudo para dar credibilidade, as notícias ainda parecem e até são mesmo ficcionais.

No suporte televisivo, o que é público é mostrado de forma superficial, quase sempre como contexto de algo particular. O contrário deveria acontecer, já que o que é público é até menos amplo e relativamente mais fácil de se discutir. Mas então não daria polêmica, não dá audiência. Contra isso não podemos culpar apenas os editores. Os recortes em que o particular é sensacionalizado são sempre os mais comentados, mais vistos, mais procurados na internet, etc. Essa busca não se restringe a nenhuma classe social. Mesmo na leitura, ou no cinema, o contexto social está de acompanhante do romance entre mocinho e mocinha ou, para a linha cult, acompanha a biografia de alguém considerado importante.

Mas tudo bem, assim o espaço público das ideias conta pelo menos com os bombeiros, sempre bons profissionais, e na ficção conta com os arquitetos e os sambistas. A vocação que está faltando talvez seja só a arte. É bom ver alguns que em vez de ibope buscam ser artistas e não apenas se chamam de artistas retoricamente, fazendo da mentira uma verdade ficcional muito feia. Esses parecem ter vocação para a fofoca. A arte não é só beleza, mas também é, e como faz falta. A arte não é só inconformismo, mas também é. E arte não é só palavra ou imagem esmeradas, também é ação, faz parte da vocação para a política e para a ciência, quando a sociedade vai de encontro com ela mesma e se transforma.



robert de andrade



QUE SAUDADE DO GENERAL

Até pouco tempo, ouvia pessoas reclamarem do excesso de propagandas nas revistas, pop-ups em portais da internet e comerciais na TV. Hoje em dia ainda reclamam, mas não com tanta frequência, mesmo com a ardente proliferação do *merchandising*. A insistência dos anúncios nos leva a aceitá-los, como a um parente inconveniente que vem para passar o fim de semana em nossa casa e nunca mais vai embora.

O inebriante poder da mídia transformou tudo em publicidade, dos assassinatos em série à inútil intimidade das celebridades do momento. As previsões apocalípticas anunciadas por George Orwell, no romance *1984*, estão em sua mais intensa manifestação. No entanto, este cenário aparece opaco diante de nossos olhos, por vez, anestesiados pela falta de discernimento.

A comovente reportagem sobre o jovem que invadiu a calçada em alta velocidade com o carro importado do seu pai, fazendo dezenas de mortos e feridos, imediatamente dá lugar ao comercial de um automóvel de luxo, em que são enfatizados os seus itens de segurança. E assim vamos comprando de volta, a um preço bem salgado, nossas desgraças.

Enquanto muitos daqueles que lu-

taram pela liberdade de expressão em nosso país se debatem em seus túmulos ao assistirem a sociedade trocar o livre-arbítrio pelo culto ao supérfluo e a celebração da tragédia pós-moderna, aqueles que ainda estão entre nós parecem sofrer da Síndrome de Estocolmo, acatando cegamente as ordens da grande mídia.

Não é o controle totalitário que irá nos livrar da iminente queda no abismo. Já vimos do que é capaz um governo ditatorial ao fazer uso de aparatos midiáticos, como Goebbels e a propaganda nazista.

Mas também é sabido que o povo que não escolhe os seus líderes acaba sendo dirigido por quem primeiro hasteia sua bandeira. E muitas vezes esse parece ser o melhor caminho. Ele torna aceitas nossas pequenas corrupções, pois além delas não conquistarem espaço nos jornais, parecem ainda menores ao serem comparadas aos *Watergates* brasileiros.

Além de tudo, esta epidêmica falta de bom senso tem levado figuras ignóbeis a sentirem saudade do general. No fundo, sabemos que elas sentem falta mesmo é do velho “cala a boca”, afinal já não suportam ouvir o som da sua própria voz.

1987, O ANO QUE TAMBÉM AINDA NÃO TERMINOU

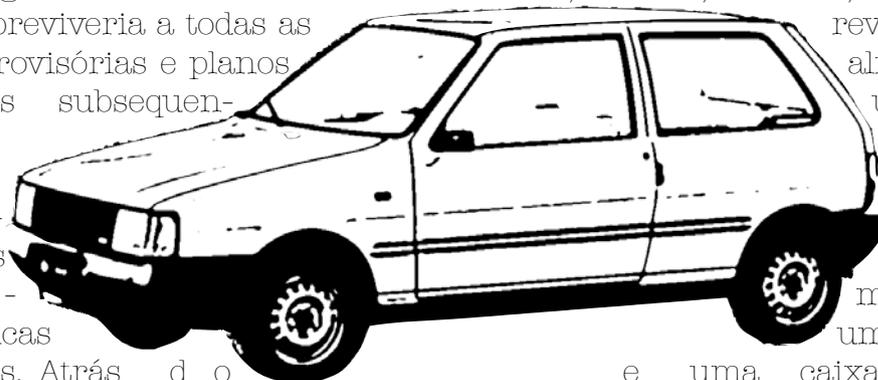
Em novembro de 1987, a inflação chegou a 12,84%, a primeira vez desde junho do mesmo ano, quando foi posto em vigor o plano Bresser, que atingira dois dígitos. Já a inflação acumulada do ano somava 308%. Por essa época e antes dela também, já se falava em reforma fiscal. Enquanto o governo pensava qual seria o nome da próxima moeda, tomava tequila e se empanturrava de tortilhas - afinal, a comitiva do então Presidente, o imortal José Sarney, participava de um encontro com oito presidentes latino-americanos em Acapulco, México -, aqui no Brasil, especificamente na periferia de Belo Horizonte, no bairro Tupi, Cesar inaugurava o seu bar. Um comércio que sobreviveria a todas as medidas provisórias e planos econômicos subsequentes.

Cesar não se abalou com as turbulências políticas de seu país. Atrás do mesmo balcão há mais de 25 anos, ele conserva os cabelos lisos e negros, graças à tinta que é regularmente aplicada por sua esposa, Valéria. 1987 também foi o ano em que eles se casaram. Numa conversa franca, como diria Marília Gabriela, o polivalente micro-empresário revelou-nos muitos dos segredos do sucesso que, em suma, se resumem em ser simples e utilizar apenas os recursos disponíveis.

Cesar começou a trabalhar cedo com o seu irmão Valdecir em sua mercearia. Depois, tornou-se vendedor da Elmo. A experiência adquirida com a venda de sapatos, atendendo com presteza a todos os clientes, independente de quanto

fossem gastar, regularmente o colocava na lista dos dez melhores vendedores da loja. Os ocupantes desse ranking recebiam cupons para participar das promoções direcionadas aos clientes e, num dos sorteios, Cesar foi contemplado com um Uno, zero quilômetro.

Mas além da sorte, Cesar também é um sujeito conservador. Tanto que já roda com seu Uno desde 1985 e pode se gabar, dizendo que, em sua última viagem, dirigiu por 1200 quilômetros sem sofrer qualquer contratempo. Esse estilo clássico também pode ser notado nas camisas floridas, tipo anos 1970, e no gosto musical. "Gosto de MPB, Roberto Carlos, Erasmo, Edivaldo, música boa..."



revela. Eventualmente, em um palco improvisado no passeio em frente ao bar, munido de um microfone e uma caixa amplificada ligada a um videoke, Cesar engoma um topete à la Elvis Presley e solta a voz, o que sem dúvida atrai o interesse do público presente.

O Cesar's Bar - vulgo Bar do Cesar - tem outras atrações, como o peixe que é oferecido às sextas-feiras. A iguaria é preparada por sua esposa, frito na hora em um fogão montado em frente ao bar. Segundo o dono de um dos negócios com mais concorrentes de Belo Horizonte, o comerciante miserável não vai para frente: "começa fazendo um bom pastel, mas depois diminui no recheio na ganância de ganhar mais. No meu bar não tem dessas coisas".



Cesar aos 15 anos, trabalhando na mercearia de seu irmão.

O bar do Cesar pode não ter de tudo, mas tudo que você precisar lá tem ou terá na próxima vez que procurar. No início, o lugar era um misto de boteco e sapataria, o freguês parava para tomar uma cerveja e acabava levando um tênis Bamba ou um chinelo Samoa. Depois vieram os videocliques. Impulsionado pelo advento do videocassete, Cesar logo deu jeito de inseri-lo no seu negócio como mais um atrativo para os clientes. Além desses mimos, não pode faltar cerveja gelada e cachaça de qualidade.

Quantos às crises econômicas, reformas fiscais e outras mazelas mencionadas anteriormente, Cesar deixa a dica: “melhor pingar que secar. Não seja miserável nem ambicioso demais”.

UM QUÊ

Um quê de sujo
Um quê de marujado
Um pouco de azeite
Um pouco de caramelo amargo

Um tanto de líquido
Um tanto de fluido
Um tanto de melado

Um pouco proibido
Um pouco derivado
Um pouco original
Como um MADE IN CHINA

Derivo de um quê que não denota existência
Existo de um quê que não observa paciência
Pasmo frente a um quê de intimidade e doçura
Reparo no seu quê de infinita serenidade

Preparo meu quê de indolência e conquista
Antecipo meu quê de futuro e passado

Passo adiante meu quê de me entregar

Me furto a não querer mais ser apenas mim.

bruno vieira

Pequenos anúncios impublicáveis

Vendo detector de bala perdida que aciona sirene quando você é baleado.

Contrata-se dublê para cena de suicídio. Gratifica-se bem (a família).

Peruca de Silvio Santos vai a leilão. Lance inicial: R\$ 0,50.

Papa é investigado quanto à paternidade de Os Dois Filhos de Francisco.

Nova Lei Seca prevê pena dura para quem ficar de quatro ao invés de fazer o quatro.

Funerária Jesus Te Chama. Garanta sua vaga!

Compre já sua motocicleta Jamarra e ganhe de brinde o kit Jamarra, que vem com caixão, coroa de flor personalizada e duas velas pretas.

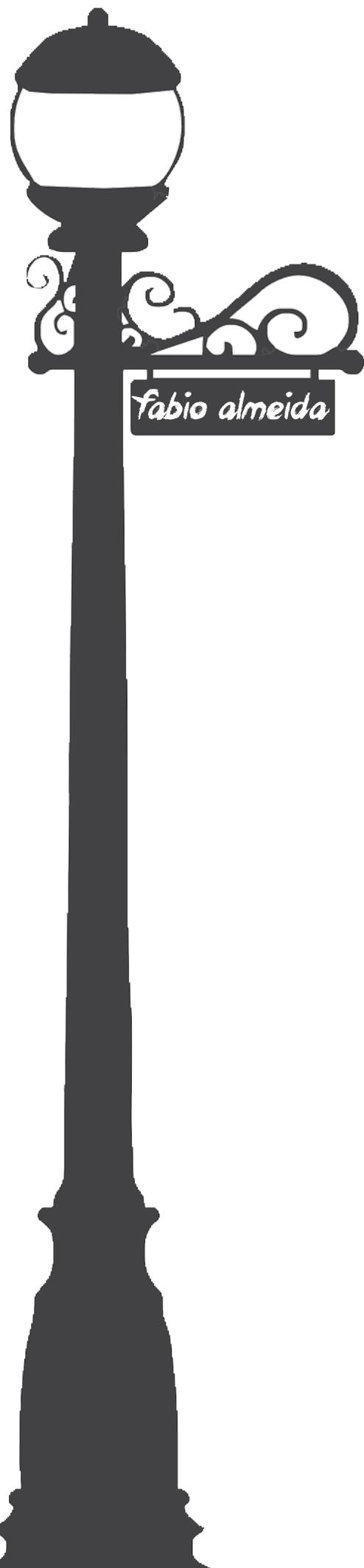
Auto Escola Dick Vigarista. Aprenda a avançar sinal vermelho, tirar fininho em pedestre desatento, ultrapassar pela direita e enganar o bafômetro.

Vende-se casa em local de risco. Ops! Vende-se terreno em declive.

Igreja da Salvação em Cristo: se você cansou de pecar, procure-nos. Estamos na Av. Largo de Deus, nº 1313, bairro Purgatório, em Capelinha do Sul.

Se você não se cansou de pecar e não vai procurar a Igreja da Salvação em Cristo, me ligue. Luciana, bb grande, seios fartos, faz pão na chapa, café com leite e ovos mexidos com final feliz. Fone: 6969-9696.

CRÔNICA NÃO É DOENÇA, MAS É CRÔNICA



fabio almeida

As coisas que escrevo imitam crônicas, porque adoro crônicas. Para mim, elas são a forma mais humana de expressão literária. Uma crônica pode ser tão simples, clara e transparente, como sua própria mensagem. Também pode ser ‘o avesso do avesso, do avesso do avesso’, não tem um compromisso rígido com a verdade. Ela também pode se ‘camaleiar’, muitas vezes podemos ‘defender causa própria em corpo alheio’, como agir de forma contrária: tomar como nossas as dores dos outros, apenas para expressar nossos sentimentos.

A crônica é mais versátil ainda: podemos revelar o que pensamos mas que não corresponde aos nossos sentimentos, como podemos revelar nossos sentimentos, mas na mensagem não transmitimos o que pensamos.

Uma crônica é quase sempre uma verdade, mas vem sempre revestida de fantasia, ou fantasias, e tanto pode revelar nossos fantasmas mais íntimos, como tentar ocultá-los, revelando apenas o resultado de nossos medos.

Uma crônica pode ser fantasiosa, mas pode ser muito sincera. Pode ser um desabafo, uma forma de agressão, como um lamento ou um pedido de desculpas.

Crônica é uma coisa fantástica, podemos afirmar várias de nossas verdades, ao mesmo

tempo que estas verdades sejam contraditórias entre si.

Crônica é um recurso, é uma carta, um chamado, um reclame, um aclame, um alerta e até um pedido de socorro. Crônica é um aviso, ou uma revelação.

E o mais bonito em tudo isso é que sempre nos identificamos com elas. Nelas descobrimos nossas revoltas, nossos anseios, nossas mazelas... Numa crônica revela-se a fraqueza humana e rapidinho nos vemos incluídos nela. Ao lê-las, nos sentimos um pouco donos delas, porque elas são praticamente o retrato de nossos sentimentos, desenhados por meio de letras e palavras.

É por isso que todos sempre têm algo a dizer sobre uma crônica que leram: seja de forma favorável ou contrária, mas elas servem de norte para auxiliar nossos pensamentos e ideias.

E crônicas são simples, nada rebuscadas. Falam de dor, de alegrias, de cotidiano, de tristeza... falam de amor.

Crônicas não são únicas, nem sequer originais: passam e repassam tudo aquilo que já sabemos, mas que encontramos dificuldade em transmitir para os outros.

Todos deveriam escrever crônicas, porque muitas vezes, só os outros conseguem revelar aquilo que estamos sentindo.